

A CULTURA DE PAZ QUE VEM DAS RUAS: A EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO PELA PAZ NA PERIFERIA-MP3 EM TERESINA-PI

*Edmara de Castro Pinto
Maria do Carmo Alves do Bomfim
Maria do Socorro Pereira da Silva*

Introdução

Neste artigo buscaremos apresentar a experiência do Projeto “Movimento pela PAZ na Periferia- MP3¹, e sua atuação na periferia da cidade de Teresina-PI de modo a identificar como as práticas desenvolvidas pelo Projeto podem promover uma Cultura de Paz nos sujeitos e na sociedade. Deteremo-nos também a explicitar o histórico da atuação do MP3 com a ênfase na atividade desenvolvida pelo Movimento e Grupo Musical de HIP HOP. Ademais, as reflexões e os dados empíricos aqui contidos são frutos de pesquisas, realizadas entre os anos de 2007 e 2013, no âmbito do Observatório de Juventudes e Violências nas Escolas- OBJUVE-UFPI. No período de agosto de 2007 a julho de 2008 realizamos uma primeira parte de uma pesquisa² que teve como sujeitos jovens integrantes do Movimento pela Paz na Periferia- MP3, do bairro São Pedro, periferia da cidade de Teresina-PI.

¹ O MP3 - O Movimento Pela Paz na Periferia – MP3 foi instituído legalmente há oito anos (desde 2005, embora seja uma experiência que vinha sendo desenvolvida há quatorze anos. É uma organização não governamental criada por voluntários, dentre os quais jovens residentes na periferia de Teresina. As ações do MP3 estão voltadas para a profissionalização da juventude das periferias de Teresina, em especial aqueles envolvidos com drogas e gangues. Todas as ações são idealizadas com foco na participação dos demais membros das famílias dos alunos.

² Pesquisa desenvolvida pelo Programa de Bolsas de Iniciação Científica-CNPq, com o projeto intitulado: Práticas Culturais de Jovens Urbanos na Construção de suas identidades tendo como pesquisadora Edmara de Castro Pinto, orientada pela professora Maria do Carmo Alves do Bomfim.

O Movimento pela Paz na Periferia: Histórico de Lutas

Considerando que o caminho se faz pelo exercício de valorização dos saberes locais embrionários nos movimentos populares enquanto engendram lutas e resistência as formas de dominação e opressão capitalista. Essas experiências locais dialogam em escalas transnacionais como um projeto utópico de transformação da realidade. Por isso, centralizamos nosso ângulo de análise sobre as práticas educativas do Movimento Pela Paz na Periferia (MP3). Por isso essa pesquisa³, se localiza como parte do exercício de pensá-la, não como instrumento de descrição ou produção de um inventário das ações do MP3, mas como um elemento integrante da luta pela educação que interessa às classes populares e aos jovens da periferia.

Perceber as marcas impressas em suas práticas educativas, revelando os sentidos e os significados que a juventude periférica atribui a sua ação na cidade de Teresina como parte da possibilidade de uma educação emancipadora e de justiça social. De outra forma, poderíamos nos deter sobre a quantidade de jovens atendidos pelo MP3, quem são os professores, os educadores, a quantidade de projetos existentes, mas queremos antes, compreendê-lo como elemento que surge a partir da contestação da realidade social de exclusão dos jovens e como estabelece seu processo de intervenção social, que elementos educativos incorporam na sociedade como prática social, como diz Freire (2000, p.79): “Não sou apenas objeto da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar.” Dessa forma o movimento de contramovimento que o MP3 faz não é apenas de questionar ou de propor, mas

³ Pesquisa de Mestrado em andamento de Maria do Socorro Pereira da Silva, orientada pela professora Maria do Carmo Alves do Bomfim



sobretudo de fazer intervindo, ao fazer esse movimento vai ao mesmo tempo se constituindo como elemento de mudança a partir de sua prática social como forma possível de educar a si mesmo.

Ao estudar o MP3, não se trata de um concebê-lo como um movimento isolado, mas também como resultado da luta conjunta de vários movimentos e organizações sociais juvenis e de outros setores da sociedade organizados nas mais diversas formas de organização social presente na cidade de Teresina e no estado do Piauí. Compreender a singularidade que constitui o MP3 diferente dos demais movimentos juvenis de sua época, é o caminho proposto em nosso itinerário, no sentido de perceber que elementos compõem sua cultura e sua prática educativa na construção de uma nova relação com os jovens e seus direitos, mas também destes com o Estado, em que o movimento de um significa o contramovimento do outro e destes no conjunto das relações sociais que os envolvem, pois se torna necessário olhar para o jovem, como afirma Bomfim (2006 p.47):

Pensando também do lado dos jovens, moças e rapazes têm perguntas sobre **si mesmos** (o que eu quero e posso fazer? Por que eu não posso fazer o que eu gosto?) Com quem posso fazer algo junto? O que queremos para nós mesmos e para onde vamos?); **sobre os adultos** (o que eles querem de nós? Por que nossos pais e muitos outros adultos, nossos professores, por exemplo, não nos compreendem? Por que interferem tanto nas nossas vidas?) e **sobre o mundo** (que mundo é esse? quais são as possibilidades que a sociedade atual está dando para nós jovens, a fim de melhorar a vida em nossas famílias, as nossas vidas? Por que minha mãe e meu pai discutem tanto e até brigam? Quais as oportunidades de trabalho, de emprego, de lazer a sociedade hoje vem criando para nós? Por que os adultos quando falam sobre nós,

só pensam em termos de futuro (“você jovens são a esperança do amanhã!) e não do hoje? Nós queremos viver o agora, o presente, o hoje! Uma verdade pode ser dita: elas e eles (jovens) estão buscando algo que lhes satisfaça. Com quem? Sozinhos?”

As marcas da singularidade do MP3 estão situadas dentro da concepção de juventudes como diversidade que demarca o campo das diversas juventudes, de forma que seu reconhecimento identitário ou específicos de sua singularidade não se constitua como elemento de isolamento das lutas sociais da juventude, de tal forma que, neste estudo, usamos a concepção proposta nos estudos da última década sobre juventude como descreve Novaes (2005, p.18):

A despeito da heterogeneidade destes atores, e para além da necessidade de reconhecimento da diversidade, o denominador comum é o direcionamento de demandas para os poderes públicos, para o Estado. É este direcionamento que amplia a agenda – e os embates – no espaço público e favorece a generalização do uso da expressão jovens como sujeitos de direitos.

Nesse sentido, jovens da Periferia são atendidos pelo MP3 que desde 2005 oferece uma oportunidade para que estes possam superar a vulnerabilidade social em que vivem. Analisando os dados coletados através de entrevistas semiestruturadas, constatamos a insatisfação dos jovens pesquisados com a sua condição social à medida que percebemos que a vontade de mudar esse quadro é muito visível em suas falas:

É muito ruim você querer um tênis e não poder comprar, eu fico ate com vontade de tentar um jeito pra comprar, juntar dinheiro, pedir pra minha mãe, mas quando chego em casa num tem nada veí, num tem nem o que comer, eu vou falar em tênis?. É muita miséria, desigualdade social, é...mas não podemos cair



no crime, nas coisas erradas. É projeto, esse daqui, é a escola, bom, são essas coisas que temos que entrar para buscar vencer (Jovem 01).

Eu acho que não é porque a minha mãe não estudou e não teve condições eu também não vou atrás do que eu quero, é porque assim tem muitos que dizem que não podem, antes mesmo de tentar estudar, eles acham que o máximo que vão conseguir é terminar os estudos. Eu penso que não, claro que você estudar em escolas boas te favorece, mas não existe ...isso sabe..existe as dificuldades e existe também a coragem de seguir em frente e buscar o melhor. Ainda mais se todos fossem como o junior aqui do programa e tivessem mais projectos para a gente (Jovem 02).

A nossa condição de vida é muito sofrida, todos tem dificuldades, mas o meio não favoreceu, vivemos em uma comunidade que são poquíssimos os que conseguem ter um emprego, fazer as coisas direitinho. Estou mudando a minha vida e quero que todas as pessoas que vivem o que passamos, jovens da periferia, possam ter essa oportunidade, a inclusão digital desse programa também é bem legal, pois não tenho computador e não tenho nem ideia de quando vou ter um (Jovem 03).

Constatamos que a grande maioria dos jovens vê uma oportunidade de crescimento ao se inserir em projetos como o MP3. Neste âmbito, muitas áreas são priorizadas. Contudo, é na música, através do grupo de Hip Hop que vislumbramos uma maior agregação juvenil como também, captamos muitas formas de combater as violências e priorizar suas culturas juvenis. A formação de novas lideranças juvenis vão recompondo um nova plataforma de atuação promovendo um movimento que vai alterando e incorporando novos eixos temáticos, atualmente prioritários no cotidiano das ações do MP3 que é o estímulo as habilidades para profissionalização bus-

cando a inserção dos jovens no mercado de trabalho, criando possibilidade de geração de emprego e renda para os jovens em situação de risco e vulnerabilidade social. Temáticas que surgem das rodas de hip hop e da participação protagonizada pelos jovens das classes populares sobreviventes das mazelas produzidas pelo sistema capitalista, como descreve o Junior, coordenador do MP3:

[...] nestas idas as comunidades e sexta-feira no coreto a gente começou a perceber que só a música, a dança e o grafite não resolvia a situação dos jovens, porque no outro dia era segunda-feira e os jovens estavam desempregado e sem profissionalização, foi quando em uma reunião dessa em uma favela, um disse: “Tudo bem! Já cantei, já dancei e já grafitei, amanhã e segunda-feira e aí?” Essa foi um tipo da pergunta que fez a gente refletir: que não é só a gente que questionava nossa condição social através da arte (Educador Social, Junior, Entrevista, 17/09/2013).

Essa indagação nos levou para a necessidade da profissionalização dos jovens e a instauração de um novo paradigma educacional na forma de trabalho com os jovens da periferia rompendo com os próprios limites da cultura hip hop. Surge daí a necessidade de politização da cultura *hip hop* na recomposição da **Paz**, é preciso buscar a paz como elemento fundamental da forma de intervenção social do movimento, em que a paz passa de sua condição amorfa de pacificação para sua condição como relação de conflito e tensionamento com aqueles que deveriam promovê-la, no caso o Estado. Os jovens que fazem nascer o MP3 reconhecem de imediato a necessidade de questionar os próprios jovens sobre as guerras urbanas que se instalavam na periferia não eram por acaso, mas fruto da intervenção institucional do Estado, financiando o tráfico de armas, continuavam se matando, demonstrando uma banali-

zação da vida e da relação desta como um estado de natureza. Era urgente evitar o roteiro de pobre matando pobre, jovem da periferia matando jovem da periferia, era necessário a paz como força potencial na construção de outra realidade, como a que atualmente testemunhamos na ação do Movimento Pela Paz na Periferia (MP3). A paz que nasce de outro projeto de sociedade, em que os jovens da periferia são participantes ativos e não apenas mero objeto do Estado.

A Prática do Hip Hop: Jovens em Combate às Violências

Tornou-se necessário conhecer as práticas que os jovens realizam, mas especificamente adentrar “nos meandros da vida quotidiana dos jovens, na compreensão dos seus modos de vida, das suas sociabilidades, dos usos que do tempo faziam” (PAIS, 2003, p.16). Nesse sentido, escolhemos especificamente conhecer as práticas realizadas pelo Movimento de Hip Hop⁴ de Teresina, que desenvolvem suas ações em parceria com o MP3. Os sujeitos pesquisados foram jovens que se agregam nesse grupo e, em grande maioria, encontravam-se em situações de vulnerabilidade e exclusão social.

No Piauí, além das ações sociais desenvolvidas pelos próprios grupos de *Hip Hop* como as rodas de break nas praças de Teresina, os festivais da cultura *Hip Hop*, os grupos também promovem os Encontros Estaduais da *Hip Hop*, como o que ocorreu em março de 2013 na cidade de Teresina. As grandes entidades que se mobilizam em torno da cultura *Hip Hop* articulam parcerias com os órgãos governamentais

⁴ Esse estilo musical é entendido como uma manifestação jovem, pois sua batida cadenciada e, sobretudo, as letras que constituem as músicas, combinando em uma feliz junção ritmo e poesia, atraem a população jovem e o próprio mercado de consumo cultural de massas (SPOSITO, 1994).



para a realização de suas ações como o Movimento Pela Paz na Periferia (MP3) e Associação Piauiense de *Hip Hop* que administra o Centro Cultural de *Hip Hop*. A pesquisa, ora em discussão, demonstra que as políticas estatais para as juventudes, em Teresina, são ainda muito incipientes abrangendo poucos jovens e algumas são marcadas por descontinuidades, haja vista a experiência do Consórcio da Juventude que foi vivenciado no período entre 2004 e 2005.

Apesar dessa marca, aquelas poucas que conseguiram subsistir criam projetos próprios nas áreas de lazer e de empreendedorismo, como a experiência do “Movimento pela Paz na Periferia – MP3”⁵, que recebe subvenções estatais e tem recursos próprios (por exemplo, o Projeto Reciclagem). Os Movimentos juvenis *hip hopianos* permitem visualizar que, embora enfrentando inúmeros obstáculos, persistem e conseguem multiplicar-se tanto pelas suas singularidades, pelas práticas de denúncias, pelos saberes que criam/recriam como pela “visão de mundo” que difunde na sociedade (DARBY; SHELBY, 2006).

Suas músicas denunciam a situação em que vivem, principalmente como relatado nessa pesquisa, de serem atrelados ao fenômeno da violência, bem como suas expectativas face ao futuro. Percebemos que os jovens integrantes do movimento hip hop se constroem como sujeitos sociais estabelecendo relações com o meio social e por participarem em práticas culturais aprendem significados sociais que se apropriam construindo suas identidades. E através das experiências vivenciadas pelo movimento, estes jovens buscam novas práticas e valores que preencham suas necessidades e aspirações,

⁵ O MP3 é uma Organização Não Governamental cuja maioria de seus membros é oriunda do Movimento *Hip Hop* e suas práticas são orientadas pela pedagogia desse Movimento.



dando um novo sentido as suas vidas. Tavares (2010) salienta o olhar sobre o viés da luta pelo reconhecimento:

O hip-hop expresso pelos jovens rappers costuma veicular, através da música, a construção de uma consciência política. Eles falam em nome de uma geração sem voz, periférica, estigmatizada. Nesse caso, a prática cultural do rap propicia a emergência de uma consciência social dos indivíduos em termos de diversas perspectivas, relacionadas a gênero, raça/etnia. Essa postura combativa define um sentimento de pertencimento coletivo em termos de uma espacialidade injusta materializada na periferia urbana. Isso significa que, mesmo estando em diferentes países ou cidades, a juventude hip-hop poderá redefinir suas questões geracionais estabelecendo semelhanças e contrastes em relação ao seu envolvimento com os grupos de rap, bem como ao enfrentamento de situações discriminatórias

Como é possível que jovens do hip hop carregados de estigmas e preconceitos, habitam localidades tão desprovidas de condições básicas de sobrevivência, considerados cada um como “não-lugar”? (VIVIANE MOSÉ, 2009). Como, na história dos eventos acadêmicos, seriam as oficinas e debates ministrados por jovens desses “não-lugares”, que sequer a universidade sabe e/ou reconhece que existem ou que são detentores de saberes próprios, não institucionalizados e construídos a partir de vivências juvenis nas suas comunidades? Estes são os questionamentos, que nos deparamos, e que ainda não tivemos resposta.

Ressalvamos ainda que os jovens dos Movimento Hip Hop objetivam difundir suas práticas (de dança, de composição de música), bem como motivar e “tirar” jovens de gangues para participarem de suas práticas de lazer (break, cineperiferia, programa de rádio com participação “ao vivo” de pessoas da periferia); grupos de conversas de rua e de suas próprias

casas através de diálogo; de qualificação profissional com uso de estação digital e de cursos de mecânica; de busca de emprego em articulação com empresários e ONGs locais, visando elevar a autoestima desses jovens da periferia, conscientizando-os de que são capazes de construir outras formas de viver com a ressignificação de suas próprias dignidades.

O Movimento *Hip Hop*, em Teresina, cultiva a sensibilidade de justiça ao denunciar e protestar situações de injustiça, exclusão social, racismos e preconceitos de várias ordens, com fins de anunciar outros futuros e protestar contra a ausência e/ou insuficiência de políticas públicas para as juventudes no Piauí e em todo o Planeta, não obstante algumas determinações da Secretaria Nacional para as Juventudes a exemplo dos marcos regulatórios como o Estatuto Nacional de Juventude, e mais recentemente, a inclusão do termo juventude na Constituição.

Considerações Finais

Por meio das pesquisas já realizadas tendo como o foco as agregações juvenis, constatamos resultados favoráveis e positivos, principalmente para os sujeitos envolvidos. Em contrapartida, nota-se que, principalmente no que se refere ao MP3, as ações não são desenvolvidas em coletivo, e é preciso uma ação conjunta da sociedade e do Estado para que o projeto possa se desenvolver ao longo dos anos, pois efetivamente tem mudado a vida de muitos jovens da periferia de Teresina-PI. Com um olhar de positividade, é possível captar que, mesmos inseridos em situações de caos, suas culturas produzem e resgatam a autoestima destes sujeitos que reconstroem sua própria história, exigindo do Estado que cumpra com suas funções sociais na garantia e efetivação dos direitos juvenis, agora inclusos em nossa Carta Magma.



É necessário que estejamos dispostos a educar para a paz, a Educação para a Paz, segundo Matos (2006, p.17) “é um processo permanente, em que deve ser ressaltado o conceito positivo de paz, com a consciência de que os conflitos existem e podem ser trabalhados com respeito, diálogo e compromisso”. Assim, devemos compreender que somos os sujeitos que podemos instaurar esse processo, de forma coletiva.

Resta-nos, segundo Bomfim (2006), aproximarmos-nos, sem medo e com postura de acolhida, daqueles e daquelas jovens que, por desventura, entraram no mundo das drogas e de atos violentos. Estes são alguns dos desafios que a realidade juvenil nos sacode no sentido de contribuir para a redução das situações de marginalidade e na busca da construção de uma Cultura de paz em nossa sociedade. Por fim, corroboramos com Sales e Alencar (2006) quando afirmam ser também essencial buscar trabalhar a mediação de conflitos como um instrumento de promoção da paz social, do diálogo e da diminuição da violência.

Referências Bibliográficas

BOMFIM, M. do C. A. do; MATOS, K. S. L. de. Juventudes, cultura de paz e violências na escola. In: BOMFIM, M. do C. A. do. *Agregação de juventudes: múltiplos olhares*. Fortaleza: UFC, 2006.

DARBY, Derrick, SHELBY, Yommie. *Hip Hop e a Filosofia* [editores]. Tradução de Martha Malvazzi Leal. São Paulo: Madras, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MATOS, Kelma S.L de. Vivência de paz: O Reiki na Escola Parque 210/211 Norte Brasília. In: BOMFIM, Maria do

Carmo Alves do; MATOS, Kelma Socorro Lopes de (Orgs). *Juventudes, Cultura de Paz e Violência na Escola*. Fortaleza: UFC, 2006a. p 1532.

MOSÉ, Viviane. *O que pode a palavra*. Disponível em <<http://www.cpfcultura.com.br/site/2009/11/2/21/integra-o-que-pode-a-palavra-viviane-mose.>>, Acesso em: 26 set. 2013.

NOVAES, Regina. Prefácio. *Juventudes e Políticas Sociais no Brasil*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. 2005.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

SALES, Lilia Maia de M. & ALENCAR, Emanuela C. O. de. Polícia Cidadã e mediação de conflitos: Por uma cultura de Paz. In: MATOS, Kelma S.L. de, NASCIMENTO, Verônica. S. do, JUNIOR, Raimundo N. (orgs). *Cultura de paz do conhecimento à sabedoria*. Edições UFC, 2008. (Coleção Diálogos Intempestivos).

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, v. 5, n. 1-2, p.161-178, 1993 (editado em nov. 1994).

TAVARES, Breitner. *Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal*. Soc. estado. [online]. 2010, vol.25, n.2, p.309-327. ISSN 0102-6992.

<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69922010000200008>.